

OITAVAS DE FINAL

 x 

Erro na escolha do cobrador de pênalti, improvisos em momentos decisivos e show de Haaland eliminam o Brasil pela sexta Copa seguida contra rival europeu

Desordem define regresso

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — A Copa do Mundo dificilmente premia aluno irresponsável, reincidente, com histórico de 7 x 1 no currículo escolar. O Brasil se comportou como estudante tresloucado durante o ciclo de três anos e meio. Quem comandava a CBF brincou de trocar de técnicos depois dos seis anos e meio da Era Tite. Ednaldo Rodrigues iniciou o projeto da Copa de 2026 delegando a prancheta a Ramon Menezes, comandante da Seleção Sub-20, na expectativa de que ele emulasse Lionel Scaloni da Argentina. O ex-presidente contratou Fernando Diniz, Dorival Júnior, mas desejava técnico importado. Empurrou com a barriga até realizar o sonho de consumo. No último ato antes da queda, contratou Carlo Ancelotti.

A derrota do Brasil por 2 x 1 para a Noruega, ontem, pelas oitavas de final da Copa 2026, foi o 17º jogo do italiano no cargo. Sim, ele avisou: “Não sou mago”. Porém, algumas decisões necessárias não demandam poderes sobrenaturais. Escolher um cobrador de pênalti, por exemplo. O início da Era Ancelotti é confusa nesse sentido. No amistoso contra a Tunísia no ano passado, Estêvão assumiu a responsabilidade e converteu. O menino ainda estava em campo, quando Lucas Paquetá tomou a frente em outra cobrança, errou e o Brasil deixou de vencer o adversário africano.

“Paquetá é o cobrador de pênaltis. Quando chegou o segundo pênalti, eu mudei porque pensei em tirar um pouco de pressão do Estêvão e o Paquetá geralmente cobra muito bem”, justificou em novembro do ano passado, depois do amistoso disputado na França.

Houve novo ruído no amistoso de março deste ano contra a Croácia. Endrick havia sofrido um pênalti. De personalidade forte, o brasiliense pegou a bola para bater. Do banco, Carlo Ancelotti apontou para Igor Thiago. O especialista acertou a rede e deu início à virada. “No jogo, quem tinha que bater o pênalti era o Matheus Cunha. Ele saiu (substituído), e o Igor Thiago é muito bom cobrador. Treinamos e ele bateu bem”, justificou.

Mas repare a incoerência. Quando Matheus Cunha sofreu pênalti depois do belo lançamento de Gabriel Martinelli, a expectativa era pela cobrança de Vinicius Junior. O protagonista do Brasil na Copa tinha quatro gols. Era um dos batedores no Real Madrid de Ancelotti. Ele até estava com a bola na mão com pinta de que assumira a responsabilidade.

AFF



A enxaqueca de Carlo Ancelotti: experiente treinador falhou na síntese da Seleção, mas tem contrato garantido por mais quatro anos

 BRASIL - 1 Alisson; Danilo, Marquinhos, Gabriel Magalhães e Douglas Santos; Casemiro, Bruno Guimarães (Éderson 33 do 2º) e Gabriel Martinelli (Danilo Santos 22 do 2º); Rayan (Neymar 22 do 2º), Matheus Cunha (Endrick 12 do 2º) e Vini Jr. Técnico: Carlo Ancelotti	 NORUEGA - 2 Ørjan Nyland; Julian Ryerson, Kristoffer Åjer, Torbjørn Heggem e David Wolfe; Patrick Berg, Sander Berge e Martin Ødegaard; Alexander Sørloth (Bobb intervalo), Erling Haaland e Antonio Nusa (Schjelderup intervalo). Técnico: Ståle Solbakken
Local: MetLife Stadium, em East Rutherford Gols: Haaland (34' e 44' do 2º tempo) e Neymar (54' do 2º tempo) Árbitro: Ismail Elfath (EUA) Público: 80.663 pessoas	Cartões amarelo: Neymar Renda: não divulgado

Surpreendentemente, a missão não coube a Vini e muito menos a Matheus Cunha.

Bruno Guimarães fazia uma bela Copa com quatro assistências, mas, àquela altura, tinha somente três cobranças de pênalti no tempo regulamentar: um pelo Lyon e dois com o Newcastle, o último deles, em fevereiro. O aproveitamento era de 100% até cobrar à meia altura e começar a tornar o goleiro Nyland um dos heróis vikings.

Levantamento do **Correio** aponta que o Brasil fez 12 gols de pênalti no ciclo encerrado ontem contra a Noruega. Lucas Paquetá acertou quatro, Raphinha fez três, Vinicius Junior converteu dois

e Neymar, Estêvão e Igor Thiago colocaram uma na rede, cada. Portanto, dos seis, apenas Vini estava em campo no momento crucial da partida. A Noruega havia aberto o placar em um gol corretamente anulado e dominava a partida no MetLife Stadium.

Questionado pelo **Correio** na entrevista coletiva por que Bruno Guimarães bateu o pênalti, e não Vini, Carlo Ancelotti deu uma resposta atribuída aos números e não ao melhor momento do protagonista da Seleção na Copa. “A escolha foi porque fizemos uma estatística de um ano de jogadores rivais e dos nossos. O melhor a bater o pênalti é Neymar, depois

“A escolha (por Bruno Guimarães) foi porque fizemos uma estatística de um ano de jogadores rivais e dos nossos. O melhor a bater o pênalti é Neymar, depois Igor Thiago, depois Raphinha, depois Bruno Guimarães, depois Martinelli”

Carlo Ancelotti, em resposta ao Correio

Igor Thiago, depois Raphinha, depois Bruno Guimarães, depois Martinelli”, alegou.

Endrick decepciona

Bruno Guimarães não pecou sozinho. Requisitado pela torcida desde a estreia contra Marrocos, Endrick entrou com pinta de iluminado. Vini compensou a fraquejada na hora de requisitar o direito de bater o pênalti com um lançamento milimétrico para o brasiliense. Ele invadiu a área sozinho, atrapalhou-se na frente de Nyland e perdeu a melhor oportunidade.

Endrick é jovem. O erro aos 19 anos na primeira Copa da vida é tolerável. Inaceitável é o Brasil não ter um camisa 9 minimamente confiável há 20 anos, desde a aposentadoria de Ronaldo, o Fenômeno. Sucessores dele, Luis Fabiano (2010), Fred (2014), Gabriel Jesus (2018) e Richarlison (2022) eram esforçados. Matheus Cunha também. Brilhou

contra o Haiti e balançou a rede contra a Escócia. Nenhum deles, porém, é como Erling Haaland.

O centroavante parecia morto, como nos referíamos ao Romário na Copa de 1994, mas tem o instinto “assassino” do Baixinho. Aos poucos, foi minando o par de zagueiros formado por Gabriel Magalhães e Marquinhos. Começou a ganhar duelos na base da força, os deixava no chão e duplicou a altura de 1,95m quando cabeceou para superar Gabriel Magalhães e o goleiro Alisson na finalização letal no canto direito, aos 34 minutos do primeiro tempo.

Grandão depois do gol, Haaland ignorou a presença de Neymar em campo. Explorou a confusão tática de Carlo Ancelotti depois das entradas de Endrick, Danilo Santos, Neymar e Éderson. Diante de um Brasil fragilizado e desentrosado com a repentina postura ofensiva, Haaland colocou Danilo e Gabriel Magalhães no bolso antes de acertar o canto esquerdo.

Melancolia e futuro difícil

Culpado nas últimas duas eliminações em Copas, o goleiro Alisson fazia a melhor partida dele em mata-mata. Protelou a eliminação enquanto foi possível, mas novamente não evitou.

Em uma cena melancólica, Neymar ainda teve direito a cobrar um pênalti e conseguiu se irritar com a guerra mental proposta por Nyland. Converteu a cobrança. Balançou a rede pela nona vez em quatro participações e se despediu do torneio com cartão amarelo durante os 23 minutos nas quatro linhas. Quem aplaudiu a convocação do camisa 10 em 18 de maio testemunhava, provavelmente, o último ato de Neymar com a camisa do Brasil.

A história iniciada ali mesmo no MetLife, em 10 de agosto de 2010, quando vestia a camisa 11 sob o comando de Mano Menezes e fez o primeiro gol da vitória por 2 x 0 contra os Estados Unidos, estava encerrada. “Agora acabou. Comecei aqui e fechei aqui”, disse na saída de campo.

O Brasil deixa a Copa do Mundo eliminado por uma seleção europeia pela sexta vez consecutiva. A sina começa em 2006 pela França, continua com a Holanda em 2010, acelera em 2014 diante da maior derrota do esporte, com 7 x 1, no Mineirão, frente à Alemanha; é ampliada pela Bélgica em 2018, pela Croácia em 2022 e decretada pela Noruega em 2026. Há eliminações contra adversários de todas as regiões do Velho Continente.

Fantasma de 1990

Contratado por um Brasil cansado de técnicos brasileiros, o italiano Carlo Ancelotti repetiu Sebastião Lazaroni em 1990. Aquela havia sido a última queda da Seleção nas oitavas de final na derrota por 1 x 0 para a Argentina. A geração 1992 de Alisson, Danilo, Alex Sandro, Casemiro e Neymar acabou. Uma nova com Estêvão, Endrick e Rayan, reforçada pela experiência de Vinicius Junior e Rodrygo, começará a nascer em setembro contra a Austrália com a missão de encerrar, em 2030, a maior abstinência do Brasil em Copas: 28 anos!

Vale lembrar: de 1930 a 1958, quando o Brasil conquista o primeiro título, não houve torneio em 1942 nem em 1946 devido à Segunda Guerra Mundial.

Menino Ney, aquele abraço: MetLife fecha ciclo do camisa 10

O estádio que apresentou Neymar ao mundo como protagonista da Seleção também pode ter servido de cenário para a despedida. No MetLife Stadium, onde marcou o primeiro gol pelo Brasil, em 2010, o camisa 10 viu a derrota por 2 x 1 para a Noruega encerrar a campanha na Copa do Mundo. “Tentei, tentei. Agora, acabou. Comecei aqui e fechei aqui”, resumiu o atacante.

Neymar indicou que a história com a camisa da Seleção Brasileira chegou ao fim depois de 130 partidas e 80 gols. Maior artilheiro da história da Amarelinha, o camisa 10 se despede sem disputar a quinta Copa do Mundo da carreira. À quarta, chegou cercado por dúvidas, limitações físicas e uma sequência de lesões que impediram o protagonista de outros tempos de voltar a conduzir o Brasil.

Por ironia do destino, a melhor campanha do Brasil em Copas na Era Neymar aconteceu sem o próprio Neymar. O camisa 10 deixou o Mundial de 2014 lesionado

antes da semifinal e assistiu de fora ao 7 x 1 para a Alemanha e ao 3 x 0 contra a Holanda. Em 2018 e 2022, a queda veio nas quartas de final. Desta vez, o ciclo terminou ainda antes: nas oitavas, na campanha mais curta da Seleção em uma Copa do Mundo desde a eliminação para a Argentina, em 1990.

Quando Carlo Ancelotti convocou Neymar para a Copa do Mundo, a principal dúvida nunca foi técnica. Era física. O camisa 10 desembarcou nos Estados Unidos cercado por questionamentos sobre a capacidade de suportar uma sequência de jogos decisivos depois de sucessivas lesões. Durante quase três anos, a Seleção aprendeu a jogar sem ele. O treinador italiano tentou reintegrá-lo sem desmontar uma estrutura consolidada durante as ausências do maior artilheiro da história do Brasil.

Pela primeira vez em um Mundial, Neymar chegou sem unanimidade, com o protagonismo dividido por uma geração que amadureceu enquanto ele se recuperava. A resposta veio da forma mais

Buda Mendes/AFP



Neymar Jr. recebe abraço de Erling Haaland: veterano sai de cena, enquanto novo ídolo amplia reinado

dura. Recuperado apenas parcialmente, terminou a Copa como reserva, viu a eliminação para a Noruega

e deixou o MetLife Stadium com a sensação de que o ciclo na Seleção havia chegado ao fim.

A Copa do Mundo sempre escapou de Neymar por um motivo diferente. Em 2014, a fratura na

vértebra o tirou da semifinal contra a Alemanha. Em 2018, voltou ainda em recuperação da cirurgia no pé direito. Em 2022, sofreu uma entorse no tornozelo logo na estreia e voltou apenas no mata-mata. Em 2026, as lesões novamente limitaram a preparação e transformaram o camisa 10 em reserva. O talento atravessou quatro Mundiais e se despediu ontem.

O gol marcado contra a Noruega também fez Neymar subir mais um degrau na história das Copas do Mundo. Com nove gols em Mundiais, o camisa 10 encerra a carreira na Seleção isolado na terceira posição entre os maiores artilheiros brasileiros da competição, atrás apenas de Ronaldo Nazário, com 15, e Pelé, com 12. A marca o faz superar nomes históricos como Ademir Menezes, Vavá e Jairzinho, todos com nove ou menos gols em Copas, consolidando o camisa 10 entre os maiores goleadores da história da Amarelinha na principal competição do futebol mundial.